

543

DOCTRINA DE GUERRA E PROCESSOS DE AÇÃO

(Carta aberta ao Cap. HEITOR A. HERRERA, pelo
Cel. J. B. MAGALHÃES)

Presado e jovem camarada !

Começarei por felicitá-lo por seu interessante artigo de agosto em "A Defesa Nacional" sôbre questões de doutrina (1), cuja leitura induziu-me a escrever-lhe esta epístola, a qual dirijo também a todos os jovens que amam o estudo. Ela manifesta em primeiro lugar o imenso prazer que sinto, prazer intelectual, quando vêjo um jovem camarada preocupar-se com a compreensão da guerra a expôr com clareza o resultado de suas meditações a êsse respeito. Para mim, no mínimo, isto é prova de que êle se apercebe da importancia que ha em possuir-se uma doutrina, teoria, filosofia, ou cousa que o valha, a cuja luz se interpretem os fatos da vida.

Vejo nisto interesse de ordem capital para uma conduta prática produtiva. Considero impossivel julgar o que ocorre, seja em que campo de atividade fôr, com justa aproximação da verdade, sem êsse instrumento poderoso para o trabalho intelectual. Quem recebe o que vai acontecendo no mundo sem passar pelo filtro de uma doutrina, vive sem rumo, marchando apenas a mercê dos instintos e, não raro, procedendo com desacerto constante, praticando incoências e ilogismos de toda a ordem.

Certamente, nem todas as *doutrinas* conduzem pelo melhor caminho, mas, embora mau, é sempre preferivel ter um critério que permita um judicioso julgamento do que sucede e fazer previsões do que pode advir, do que não ter critério algum.

Não quero, porém, dizer que uma vez adotada uma *doutrina*, jamais a troquemos por outra reconhecida melhor ou a retoquemos em pontos reconhecidos insuficientes. Quero apenas referir-me à necessidade de ter uma *razão* capaz de orientar nossas interpretações e nossos procedimentos. A necessidade de uma *disciplina* intelectual é evidentemente, uma imposição de ordem prática. Sem ela que podem ser nossos pensamentos e que podem valer nossos atos ?

Sem a plena posse de um certo número de idéias básicas a que possamos aferir os conhecimentos que vamos adquirindo das cousas novas e sem um método lógico de tratar essas cousas novas como será possível progredir?

Sem a posse plena das cousas, ou melhor, das noções fundamentais ninguém pode ter através do presente o rumo seguro para o futuro, uma conduta ou um procedimento coerente e praticamente produtivo.

De tudo na vida é preciso possuir uma teoria, e isto será tanto melhor quanto esta fôr mais clara, mais certa e mais completa.

Na realidade todos possuem a sua, mesmo a seu pesar e muitas vezes sem o saber, como acontecia ao Mr. Jourdan, de Molière, com a sua prosa, e embora, de caráter puramente negativista. Negar-se a ter uma teoria, é já uma teória... Os desta especie, adotam apenas um procedimento comodo e acobertam assim a preguiça e outros egoismos.

Em tudo na vida se faz de durável e sólido sem saber descirimir em primeiro lugar as grandes linhas do quadro em que se quer agir e ligar essa conduta ao conjunto que fatalmente nos envolve, domina e condiciona. Fóra disto, são os entrechoques, os tempos e trabalhos perdidos em pura perda.

As questões de pormenores, os procedimentos restritos e ocasionais, os *menus details* da existência são uteis e necessários, imprescindíveis ao acabamento dos quadros em que nossa ação se desenvolve e muitas vêzes por desprezá-los tudo sacrificamos. Não são, porém, o essencial. Seu valor é concernente as grandes linhas. Os pormenores têm uma importancia sempre momentanea, ocasional e circunstancial.

Os que por se acoimarem de práticos, só se preocupam com as cousas particulares, os pormenores da execução, em maior ou menor escala, jamais conseguem realizar mais que verdadeiros *bric-à-brac* de concepçõesinhas e cousinhas que se não ligam umas as outras nem no tempo e nem no espaço. Vivem do presente exclusivamente, do efêmero presente. Não podem ser fatores de progresso. Em vez de subordinarem o presente ao futuro, sujeitam, ao inverso este aquele. E, vê o camarada porque? Porque não conhecem o passado e o desprezam...

A teoria! Os teóricos! Gente nefasta, sonhadores, homens incapazes de realizar!

E' curioso que possam dizer estas cousas os *práticos e predominar*, mas explica-se facilmente, por que conhecer a teoria exige muito esforço, tempo e trabalho e subordinar a pratica a teoria é cousa difficil e que é sómente acessivel aos mais bem dotados. Então, ao inferno a teoria! Sejamos práticos!...

Mas, ha prática sem *teoria*? Praticar não é aplicar uma teoria?

Tomada esta pequenina vingança contra os que nos acoimaram algumas vezes de teóricos por insistirmos em proceder logicamente, por assimilação do que havíamos aprendido e nos negarmos a ter procedimentos de puro mimetismo, orientados por idéias indigeridas, conversemos diretamente sôbre o assunto, que nos sugeriu esta manifestação.

Seu artigo versa sobre doutrina de guerra. E' útil e bem estudado. Parece-me no entanto, incompleto, mesmo considerado o quadro limitado em que o traçou. Faliu a doutrina de guerra francesa, conforme as citações que faz, nos embates de 1940? Sim e não. Na análise que o jovem camarada faz das prescrições regulamentares francesas e dos mestres que tratam da matéria, "il y a du *vrai* e tam du *faut*".

O que ocorreu em 1940 na França, tem sucedido e sucederá em todas as guerras em que entram em jogo elementos novos, ainda não bem experimentados nos campos de batalha. Aliás o comêço de uma guerra qualquer, mormente quando sucede a um longo periodo de paz, é sempre diferente das concepções do tempo de paz, pois então não se podem bem julgar as reações do inimigo. *Um plano de campanha* ou de manobra *serve apenas para iniciá-la*. Depois, é o trabalho constante de readaptação as circunstancias. Nêsses planos só ha uma cousa fixa, o resultado que se *quer obter*, o objetivo que se quer conquistar ou defender.

O estudo dos comêços de guerra em comparação com as previsões estabelecidas e as preparações feitas, é assunto que deveria preocupar mais assiduamente nossas escolas militares superiores. Ao que me consta, somente a êsse respeito, se fez de uma feita estudos diretos na nossa Escola de Estado Maior em 1928 em conferências do Ten. Cel. Gausso, cuja publicação, porém, nunca foi feita.

Qual é o acoimado êrro da *doutrina francesa*? Um único, não ter dado preponderância aos materiais novos. Mas ha nisto *êrro* ou *insuficiência*?

Qual é o seu defeito? No meu modo de vêr não está no acerto dos conceitos que emite; nem mesmo talvez na forma porque os exprime. Está em *ter teimado* em considerar caso mais corrente o que era já, na Europa, esporadico ou secundário e ter deixado em segundo plano o que de fáto se verificou ser a regra.

Era certa a *doutrina alemã* que tudo baseou na guerra panzer e que deu preponderância constante aos métodos panzer?

Os acontecimentos da Rússia provam em contrário, como em contrário provam os acontecimentos ulteriores d'esta guerra, mesmo somente considerado o teatro europeu.

Do ponto de vista *doutrinário*, em meu modo de compreender, foram os russos os que melhor conceberam a *guerra futura*. Em 1941, apresentaram-se com uma deficiência séria motivo dos efêmeros êxitos alemães. Não erro de doutrina, mas insuficiência de sua aplicação. Eles sempre conceberam a guerra efetuada e ganha pelo concurso coordenado de todos os meios, o que orientou a organização de suas forças. No entanto, repartindo os meios novos, carros e aviões, pelas unidades de ação, não souberam guardar reservas gerais suficientes para reforçar as zonas de ação mais interessadas de modo a ter preponderância sobre o inimigo em momento oportuno. Suas unidades motomecanizadas maiores, não formavam unidades de ação autônoma e pertenciam aos Exércitos. O resultado disto foi que, embora no total não possuíssem inferioridade numérica sobre os alemães, jamais, no decorrer de 1941, puderam enfrentar com meios bastantes, os ataques *panzers alemães*. Mas corrigido *este erro*, com o auxílio dos recursos industriais anglo-americanos, já em 1942 a guerra mudava o seu curso, sem que os russos houvessem abdicado dos métodos de ação pelo concurso coordenado de todas as armas, mesmo a cavalaria a cavalo. Em 1943, detida a *contra ofensiva preventiva* que os alemães desencadearam em Orel, eles retomam o movimento para nunca mais parar. E nunca se *afoitaram* em *pontas* demasiado profundas. Tiveram sempre o cuidado de reajustar suas frentes de batalha. E' ao menos o que posso perceber do que vou marcando na carta, conforme as notícias que se publicam.

O jovem camarada, na crítica que faz a doutrina de guerra francesa de 1940, condena judiciosamente a *teimosia dos processos*. Mas os erros são mais de aplicação que dos princípios, embora pareça um pouco cedo para se fazer um julgamento definitivo.

Os princípios da tomada de contacto, do engajamento, do ataque etc., prognosticados pelos regulamentos franceses, em meu modo de vêr ainda são verdadeiros, mesmo com os meios novos. Diferem, porém, os *processos* se houver emprego destes meios novos.

Mas na guerra, mesmo nesta guerra mundial atual não se empregam somente meios novos... Nós principalmente, precisamos prestar muita atenção a estes fatos. Não ha guerra somente com armas novas, faz-se a ainda com armas antigas... O que se passou e passa na Africa, na Rússia, na China, na Birmânia, na Oceania, difere totalmente dos acontecimentos do teatro ocidental europeu...

A *velocidade*, a *surpreza*, o *ataque poderoso* etc., não são cousas novas, verificam-se em todas as campanhas comandadas pelos mestres da guerra, com as modalidades apenas concernentes aos meios e às características de cada campanha. Todos se esforçaram sempre por obter a máxima potência no ataque, por ganhar o inimigo em

velocidade, por surpreendê-lo, etc., e por conseguir meios novos capazes de darem a êsses respeitos melhores resultados.

A *corrida de velocidade*, a que se refere o jovem camarada não elimina as cautelas, as medidas de segurança, nem a corrida aos obstáculos... Amplia os lances. No momento em que escrevo os alemães correm para se colocar atrás do Reno e os russos rompem as defesas do Bug e do Narev...

A *velocidade* não elimina a necessidade da segurança. Não me parece invalidada a regra que estabelece uma relação entre a frente de ataque e a profundidade da penetração, *ni seu grande sentido de segurança*.

Permita-me que lhe faça algumas objeções sobre o absoluto de sua interpretação: "Com a celebre relação, diz o jovem camarada, entre a largura da frente e a profundidade do ataque, parece que a evolução foi semelhante — o que viria ainda uma vez confirmar a inanidade das formulas em ciência tão complexa. A realidade é que antes do advento da moto-mecanização, o apoio aos ataques era feito, exclusivamente, de uma base fixa onde os órgãos de fogo se desdobravam; mas a progressão do escalão atacante conduzia fatalmente, a uma fase crítica, quando as alças da artilharia atingiam seus limites e a mudança de posição se impunha, com conseqüente hiato na proteção; novo sistema era necessário então montar para que o ataque fosse retomado".

Hoje é diferente?

Examinemos, porém, por partes este seu modo de interpretar, com o qual de modo geral estamos de acôrdo. Mas...

Porque a relação *entre a frente e a largura do ataque*? Para questão de segurança. A regra envelhecida, ainda hoje só pôde ser infringida, se o atacante dispõe de *reservas sólidas* capazes de impedir o fechamento da brécha aberta no *pé da ponta penetrante* no dispositivo inimigo ou se este não tem possibilidade de *contra-atacar* o flanco da ponta. Que teria acontecido ao exército americano do General Bradley em seu rápido avanço para o Loire, se Montgomery não se mantivesse firme na região de Caen e Falaise e se não houvesse reservas, inclusive os *Thyfoons* capazes de fazerem abortar o contra ataque de Kluge?

O apoio de uma *base parada* faz parar o ataque para reajustamento do dispositivo.

Mas hoje ainda isto se verifica, é mera questão de escolha, quando as distancias crescem demasiadamente. O ataque, mesmo moto-mecanizado, tem que parar de quando em vez.

Mas nem sempre se ataca sómente com *exércitos panzer*, e então caímos na *formula obsolêta*..

E ainda nêsse caso, quando a força panzer esbarra com resistências que por si só não pôde vencer — Stalingrado, Al-Elamein, linha Mareth, a costa do Atlântico, é preciso formar as bases de *fôgo fixas* e poderosas, e apoiar a infantaria para vencê-las, com ou sem carros..

Na realidade desta guerra, as corridas de velocidade, só se têm dado depois de rompidas as defesas em toda a profundidade... já em *fase de perseguição*, tal como outrora...

Na tomada de contacto ainda se corre aos obstaculos, a posse das saídas ou entradas dos campos de batalha, mas se procede em conformidade com as possibilidades do inimigo e do plano de manobra que se concebe...

O *ataque em ponta*, contra um adversário em estado de reagir, tanto no campo tático como estratégico, sem ter os flancos cobertos, seja pela pronta intervenção de reservas, seja por uma justa proporção entre a profundidade da penetração e a largura da brecha, ainda conduz aos mais sérios desastres. Notemos o que se passou na Rússia no verão de 1942. A *ponta alemã*, aliás apoiada no mar, mas com seu flanco esquerdo exposto, por não ter sido conquistado, Voronez, nem Stalingrado, em sua corrida ao petróleo, só conseguiu alcançar o desastre...

A *velocidade, como a surpresa, a economia de forças* etc., valem tanto na guerra hodierna como na de todos os tempos. A guerra no fundo é sempre, em essência, a mesma.

Os principios que a regem são os mesmos. Mas precisamos evidentemente empregá-los com pleno conhecimento da capacidade de rendimento dos meios de que dispomos.

E' bem possível, que *homem da reserva*, amigo apenas de conservar melhorando, amigo persistente da prática que deriva ou se funda numa teoria bem concebida e claramente expressa, vejamos mal os fatos desta guerra. Todavia, confessamos, ter encontrado em verdadeiro prazer intelectual ao ir conhecendo os fatos desta guerra, não em achar nela aspectos revolucionários, mas na aplicação nova dos velhos principios que a pouco e pouco fomos conhecendo e compreendendo.

Nós o felicitamos sinceramente por seu artigo, mas sentimos nêle haver em seu espírito de jovem um gosto particular, e *muito natural*, pelo que é novo, com um certo deleite em repudiar o que é velho. Nós que somos velhos, preferimos tomar por base as cousas já estabelecidas e procurar vêr nos fatos novos em que é que elas são modificadas. E não procedemos assim por caturrice nem porque o reumatismo — que graças a Deus o não temos — nos aperreie o ânimo.

E' por isto que afeito a *doutrina francesa*, por formação e convivência, não pudemos deixar de lhe escrever estas linhas. *Que é a doutrina francesa de guerra?* Ter um método de raciocínio, capaz de

analisar os fatores de uma situação *qualquer de guerra — missão* (o que se quer fazer); *terreno* (onde se tem de fazer o que se quer); o *inimigo* (o que se nos pode opor); e *meios* (o com que contamos para realizar o que queremos), *é o que ha de essencial*. O resto é questão de interpretação e de *arte*, o que depende da capacidade de julgamento dos homens e de suas *aptidões naturais judiciosamente cultivadas pela meditação e pelo exercício*.

Em regra, perde-se muito tempo querendo regular tudo, tudo prever. Dá-se preferência a aspectos secundários, de execução, sem procurar encaixá-los, cotejá-los mesmo com o que ha de mais geral de mais fundamental, que existe e se verifica em todas as guerras. Estudam-se regulamentos, ou melhor a aplicação de regulamentos tomando por dogma o que lhes dizem, sem procurar compreender o porque. Raros são os que, seguindo os conselhos dos mestres da guerra, *de todas as épocas*, o côro unisono dos gênios, preocupam-se em estudar os fatos de guerra que a história registra para discernir as linhas mestras dos acontecimentos e esclarecer o espírito.

Doutrina de guerra! É a síntese de Verdy du Vernois — de que se trata! Foi o que fizeram Alexandre, Anibal, Cesar, Frederico, Napoleão, Foch e Eisenhower!...

Empregar os meios disponiveis, para a conquista dos fins colimados todos os meios conforme suas propriedades, de modo a que os resultados de sua ação se somem, sem desprezar nenhum, é o que as guerras ensinam. *E economia de fôrças*. É o que se tem feito sempre. Foi o que os *franceses* de antes de 1940, procuraram fazer, mas sentiram enorme, invenciveis dificuldades em fazê-lo! Daí, certo apêgo às velhas fórmulas, não obstante a clarividência de certos espíritos que nêsse mesmo país pugnavam por certas reformas radicais dos velhos processos.

E por que isso?

Ha multiplas razões, entre as quais a pequena profundidade da *terra francesa* e o grande ráio de ação dos poderosos meios de ataque modernos. Não puderam os franceses ou não souberam vêr que a profundidade de que dispunham era insuficiente para manobrar se limitassem suas concepções estratégicas ao campo de seu território metropolitano, em vista dos meios de que dispunham.

O alcance dos ataques modernos e a capacidade de ruptura das armas novas, impõem a manobra em grandes profundidades, fato que os russos, como expuzemos no "Fenomeno Militar Russo", viram com a maior nitidez, ou o acúmulo na fronteira de todos os meios para a defesa do país.

As nações sem profundidades são levadas a desenvolver sua potencialidade máxima instantaneamente, e se o seu adversário é poderoso só têm como recurso certo de não serem rapidamente esmagados,

a ofensiva. Mas a ofensiva requer superioridade de meios... e precisa ser constantemente alimentada até a vitória final, completa.

Era o caso da França, contra uma Alemanha que se preparara minuciosa e extensamente para a guerra?

A única salvação da França era uma guerra concebida e preparada sob a base do império francês e de solidas alianças, guerra que o espírito público e a política não souberam vêr e aceitar, mesmo diante dos fatos, como decorre da capitulação apesar das proposições de Churchill. Mas, este caminho leva nossa conversa muito longe... Fiquemos nas nossas considerações sobre a doutrina...

Estavam muito errados os seus regulamentos? Suponho que não. Expressões um tanto velhas, mas concepção justa. Apenas o fato ali considerado exceção apresentou-se como regra. As prescrições concernentes a batalha em grandes frentes e grande profundidade, caso para eles excepcional, pelas razões expostas, foi a regra, para cuja aplicação não se achavam bem preparados nem dispunham de meios adequados, ao espaço disponível ou melhor a que pretendiam limitar os acontecimentos.

O mal dos franceses, e que é ainda de muitos outros povos, foi não quererem aceitar a pura realidade e pretenderem resolver o problema da guerra artificialmente, forçando na aplicação os próprios princípios de doutrina que adotam.

A guerra de 1914-1918, deu uma lição de ordem capital: — a *decisão pertence a maior potencia industrial*, que depende de carvão e de ferro.

Si os franceses e outros povos houvessem percebido isto nitidamente, e comparado suas possibilidades a esse respeito com as da Alemanha, ter-se-iam unido intimamente à Grã Bretanha e aos russos, formando um sistema militar de sólida estrutura.

A força militar não reside no nacionalismo, hoje, resulta da geologia!...

O nacionalismo, o patriotismo, e tudo mais que constitue as energias morais de um povo, são elementos preciosos para valorizar as produções das minas e das fábricas. Por si só restam, porém, impotentes.

Devemos desprezá-las? Não. Ao contrário, é preciso exaltá-las tanto mais quanto mais precários são os recursos de que dispomos. Será, porém, erro grave e funesto, atribuir-lhes maior valor, maiores possibilidades que realmente têm.

Um país como o nosso caro Brasil, por exemplo, se bem que na America do Sul, goze do ponto de vista de possibilidade industriais, de uma situação favoravel, pelas matérias primas e fontes de energia de que dispõe, cometerá grave erro si não souber aplicar a doutrina de

guerra — que é universal — , para formular uma estratégia lógica e uma tática apropriada à sua situação.

Sua organização, seus processos de ação devem ser os mais *nacionais possíveis*, caracteristicamente nacionais, mostrando assimilação *dessa doutrina*. Mas sua política deve ser capaz de ter a sabedoria bastante para suprir as deficiências de seus recursos naturais e também para evitar que ele não desenvolva toda força de que é capaz por que não a pode formar tal como as grandes potências industriais.

Nenhuma *nação* existe isolada nem isolada pode subsistir.

As *transformações da guerra* de Colin, obra clássica que nenhum militar ou homem público deve ignorar, devem ser meditadas a fundo, mas precisam ser completadas pelos estudos das *razões fundamentais da força*. Elas, a “Teoria da História da Civilização Militar” de Cristovam Aires e “O combustível na Economia Universal” de Pires do Rio, formam uma trilogia, que todos devem conhecer para evitar erros e decepções.

Aí estão, jovem camarada, e por seu intermédio me dirijo a todos os jovens, as considerações que me ieram ao espírito lendo vosso interessante artigo sobre “A doutrina de guerra francesa e a campanha de 1940.

Doutrina de guerra, processos de combate... Devemos bem distinguir uns de outros — a concepção da aplicação. A *doutrina* não é francesa, não é russa, não é alemã... é única... é universal... e se colhe na história. A aplicação da doutrina é que adquire modalidades diversas conforme a geografia, a geologia, o ambiente e as possibilidades de cada qual e sobre tudo conforme à inteligência e o poder de assimilação da doutrina...

Ha no momento moderno dois exemplos típicos de assimilação perfeita da *doutrina*: os russos e os americanos.

Os primeiros, formularam sua concepção da guerra, depois de analisar a história e os segundos relembram constantemente os mestres das guerras passadas e não cessam de editar obras antigas...

A guerra é um fenómeno social humano, cuja fisionomia varia com os estadios da civilização. Para bem compreendê-la e poder marcar firmemente através do futuro, sempre mais incognito, é preciso saber vêr sua fisionomia em cada época e discernir o porque dessa fisionomia, destacando o que é permanente do que é efêmero.

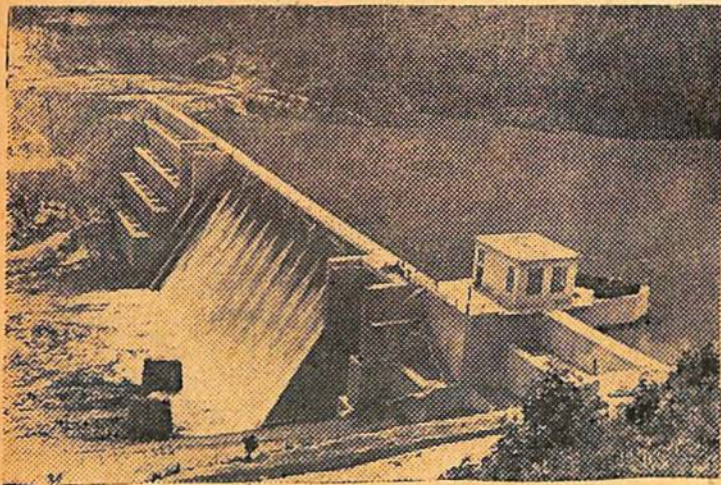
As tres obras que citamos não são as únicas que habilitam a conhecer a guerra e nem mesmo talvez bastem para satisfazer um espírito que ame as investigações e dissecações a fundo. Apresentamos apenas como tipos de cogitações indispensaveis para se abarcar todo o conjunto da questão. Os militares como Colin vêem em geral apenas os aspectos militares do problema; os historiadores como Cristovão Ayres, enleam-se com os efeitos e as causas históricas; os

economistas e espiritos matematicos, os homens práticos como Pires do Rio, procuram as raizes, as causas fundamentais do fenomeno e se sustentam com isto, a que tudo reduzem.

E' preciso saber juntar todos êsses pontos de vista e colher as informações que êles nos ministram num fêcho único e homogêneo, para perceber as relações de causas e efeitos e conceber o quadro completo das realidades.

E aqui estão, presado camarada, algumas das idéias que o seu interessante artigo nos sugeriu. Ao senhor e aos outros jovens pertence o futuro, a nós o passado. O presente só pertence aos que vivem só para si mesmos, ou melhor, de fâto, vegetam, porque viver assim não é viver.

(1) — A Doutrina de Guerra Francesa e a campanha de 1940.



ooooooooooooooooooooo
Instalação hidro-
eletrica do Rio
Piracicaba, Esta-
do de Minas Ge-
rais, para Cia.
Siderurgica Bel-
go-Mineira S. A.
ooooooooooooooooooooo

CHRISTIANI & NIELSEN

Engenheiros empreiteiros

Av. Nilo Peçanha, 151 - Rio de Janeiro

Santos, São Paulo, Paranaguá, Porto Alegre, Belo Horizonte, Baía, Recife, João Pessoa